



A Santa Sé

JUBILEU DOS BISPOS

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

Praça de São Pedro

Domingo, 8 de Outubro de 2000

1. *"Dá-nos, ó Deus, a sabedoria do coração" (Sal. resp.).*

Hoje a Praça de São Pedro assemelha-se a um grande cenáculo: de facto, nela encontram-se Bispos de todas as partes do mundo, vindos a Roma para celebrar o seu Jubileu. A memória do Apóstolo Pedro, evocada pelo seu túmulo sob o altar da grande Basílica do Vaticano, convida-nos a regressar espiritualmente à primeira sede do Colégio apostólico, àquele Cenáculo de Jerusalém, onde recentemente tive a alegria de celebrar a Eucaristia, durante a minha peregrinação na Terra Santa.

Uma ponte ideal, que ultrapassa séculos e continentes, une hoje o Cenáculo a esta Praça, na qual marcaram encontro aqueles que, no Ano Santo 2000, são os *sucessores dos primeiros Apóstolos de Cristo*. Caríssimos e venerados Irmãos, chegue a todos vós o meu abraço cordial que faço extensivo com afecto a quantos não puderam vir mas, das suas Sedes, estão espiritualmente unidos a nós.

Juntos façamos nossa a invocação do Salmo: "Dá-nos, ó Deus, a sabedoria do coração". Nesta *"sapientia cordis"*, que é dom de Deus, podemos resumir o fruto da nossa convocação jubilar. Ela consiste na conformação interior a Cristo, Sabedoria do Pai, mediante a acção do Espírito Santo. Para obtermos este dom, indispensável para o bom governo da Igreja, nós Pastores devemos ser os primeiros a entrar por Ele, "porta das ovelhas" (Jo 10, 7). Devemos imitá-l'O, o "Bom Pastor" (Jo 10, 11.14), porque se ouvimos os fiéis é a Ele que ouvimos, e ao seguirem-nos seguem a Ele, que é o único Salvador ontem, hoje e sempre.

2. Deus dá a sabedoria do coração *através da sua Palavra*, viva, eficaz, capaz de descobrir o coração do homem como nos disse o Autor da Carta aos Hebreus (cf. Hb 4, 12), no trecho que acabamos de proclamar. A Palavra divina, depois de ter sido dirigida "nos tempos antigos, muitas

vezes e de muitos modos... aos antepassados por meio dos profetas" (*Hb 1, 1*), nos últimos tempos foi enviada aos homens na pessoa do Filho (cf. *Hb 1, 2*).

Nós pastores, em virtude do *munus docendi*, fomos chamados a ser anunciadores qualificados desta Palavra. "Quem vos ouve, a Mim ouve" (*Lc 10, 16*). *Tarefa exaltante*, mas também *grande responsabilidade!* Foi-nos confiada uma palavra viva: por conseguinte, devemos anunciá-la em primeiro lugar com o exemplo e depois com as palavras. É palavra que coincide com a pessoa do próprio Cristo, o "Verbo que se fez homem" (*Jo 1, 14*): é, por conseguinte, *o rosto de Cristo* que devemos mostrar aos homens; *a sua cruz* que devemos anunciar, fazendo-o com o vigor de Paulo: "Entre vós, eu não quis saber outra coisa a não ser Jesus Cristo, e Jesus Cristo Crucificado" (*1 Cor 2, 2*).

3. "*Eis que nós deixamos tudo e Te seguimos*" (*Mc 10, 28*). Esta afirmação de Pedro exprime a radicalidade da opção que é pedida ao apóstolo. Uma radicalidade que se esclarece à luz do diálogo exigente, entre Jesus e o jovem rico. Como condição para alcançar a vida eterna, o Mestre indicara-lhe o cumprimento dos mandamentos. Perante o seu desejo de maior perfeição, respondera com um olhar de amor e uma proposta total: "Vai, vende tudo, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro nos céus. Depois vem e segue-Me" (*Mc 10, 21*). Estas palavras de Cristo provocaram, como um obscurecer-se repentino do céu, a tristeza da recusa. Foi então que Jesus pronunciou uma das suas sentenças mais severas: "Meus filhos, como é difícil entrar no Reino de Deus!" (*Mc 10, 24*). Sentença que ele próprio atenuou, perante o medo dos apóstolos, apelando ao poder de Deus: "A Deus tudo é possível" (*Mc 10, 27*).

A intervenção de Pedro torna-se expressão da graça com que Deus transforma o homem e o torna capaz de se doar totalmente: "Eis que nós deixamos tudo e Te seguimos" (*Mc 10, 28*). *É desta forma que nos tornamos apóstolos*. É igualmente desta maneira que se vive a realização da promessa de Cristo a respeito do "cêntuplo": o apóstolo que deixa tudo para seguir Cristo já vive nesta terra, apesar das provações inevitáveis, uma existência realizada e jubilosa.

Estimados Irmãos, como deixar de exprimir, neste momento, *o nosso reconhecimento ao Senhor pelo dom da vocação*, primeiro ao sacerdócio e depois à sua plenitude no Episcopado? Olhando para as vicissitudes passadas da nossa vida, a comoção invade o nosso coração ao verificarmos de quantas formas o Senhor nos demonstrou o seu amor e a sua misericórdia. Deveras, "*misericórdias Domini in aeternum cantabo!*" (*Sl 89 [88], 2*).

4. O Bispo, sucessor dos Apóstolos, *é uma pessoa para quem Cristo é tudo*. Ele pode repetir com Paulo todos os dias: "Para mim, viver é Cristo..." (*F1 1, 21*). Eis o que deve *testemunhar com todo o seu comportamento*. O Concílio Vaticano II ensina: "Os Bispos devem dedicar-se à sua missão apostólica como testemunhas de Cristo diante de todos os homens" (*Christus Dominus*, 11).

Ao falar dos Bispos como *testemunhas*, não posso deixar de recordar, nesta solene celebração jubilar, os numerosos *Bispos* que, ao longo de dois milénios, deram a Cristo o supremo testemunho do martírio, conformando-se com o modelo apostólico e fecundando a Igreja com a efusão do seu sangue.

O século XX foi, de modo particular, *rico destas testemunhas*, algumas das quais eu próprio tive a alegria de elevar às honras dos altares. Há uma semana inscrevi no *Álbum dos Santos* quatro

Bispos mártires na China: Gregório Grassi, Antonino Fantosati, Francisco Fagolla e Luís Versiglia. Entre os *Beatos*, veneramos Miguel Kozal, António Julian Nowowiejski, Leão Wetmanski e Ladislau Goral, mortos nos campos de concentração nazistas. A eles unem-se Diego Ventaja Milán, Manuel Medina Olmos, Anselmo Polanco e Florentino Asencio Barroso, mortos durante a guerra civil espanhola. Depois, no prolongado inverno do totalitarismo comunista floresceram, na Europa Oriental, os Beatos mártires Guilherme Apor, húngaro; Vicente Eugénio Bossilkov, búlgaro; e Aloísio Stepinac, croata.

Ao mesmo tempo, é bonito e imperioso que agradeçamos a Deus todos os *Pastores sábios e generosos* que, ao longo dos séculos, enriqueceram a Igreja com os seus ensinamentos e exemplos. Quantos Santos e Beatos *Confessores* há entre os Bispos! Penso, por exemplo, nas luminosas figuras de Carlos Borromeu e de Francisco de Sales; penso também nos Papas Pio IX e João XXIII, que recentemente tive a alegria de proclamar Beatos.

Caríssimos Irmãos no Episcopado, "rodeados dessa grande nuvem de testemunhas" (*Hb 12, 1*), *renovemos a nossa resposta ao dom de Deus*, recebido com a Ordenação episcopal. "Deixemos de lado tudo o que nos embaraça e o pecado que se agrarra a nós. Corramos com perseverança a corrida, mantendo os olhos fixos em Jesus" (*Hb 12, 1-2*), Pastor dos pastores.

5. Considerando o mistério da Igreja e a sua missão no mundo contemporâneo, o Concílio Ecuménico Vaticano II sentiu a necessidade de dedicar uma atenção especial ao múnus pastoral dos Bispos. Hoje, no limiar do terceiro milénio, o desafio da *nova evangelização* ressalta ulteriormente o ministério episcopal: o Pastor é o primeiro responsável e animador da comunidade eclesial, quer na exigência de comunhão quer na projecção missionária. Perante o relativismo e o subjectivismo que debilitam muitos sectores da cultura contemporânea, *os Bispos são chamados a defender e promover a unidade doutrinal* dos seus fiéis. Solícitos em todas as situações nas quais a fé não existe ou é ignorada, eles empenhem-se com todas as forças em favor da *evangelização*, preparando para esta finalidade sacerdotes, religiosos e leigos e pondo à disposição os recursos necessários (cf. *Christus Dominus*, 6).

Tendo presente o ensinamento conciliar (cf. *ibid.* 7), queremos hoje exprimir nesta Praça a nossa fraterna *solidariedade aos Bispos que são objecto de perseguição*, que estão na prisão ou são impedidos de exercer o seu ministério. E em nome do vínculo sacramental, as nossas afectuosas recordação e oração dirigem-se *aos irmãos sacerdotes que sofrem as mesmas provações*. A Igreja está-lhes grata pelo bem inestimável que oferecem ao Corpo místico de Cristo com a sua oração e sacrifício.

6. "*A bondade do Senhor venha sobre nós e confirme a obra das nossas mãos*" (*Sl 89, 17*).

Estimados Irmãos no Episcopado, neste nosso Jubileu a bondade do Senhor desceu em abundância sobre nós. A luz e a força que promanam dela não deixarão de fortalecer a "obra das nossas mãos", isto é, o trabalho que nos foi confiado no campo de Deus que é a Igreja.

Nestas jornadas jubilares, quisemos ressaltar a presença entre nós de Maria Santíssima, nossa Mãe, que nos ampara e conforta. Fizemo-lo ontem à noite, com a recitação comunitária do

Rosário, fazemo-lo hoje, com o *Acto de Consagração*, que realizaremos no final da Missa. É um acto que viveremos com *espírito colegial*, sentindo próximos de nós os numerosos Bispos que, das respectivas Sedes se unem à nossa celebração, realizando este mesmo Acto juntamente com os seus fiéis. A venerada imagem de Nossa Senhora de Fátima, que com alegria temos entre nós, ajuda-nos a reviver a experiência do primeiro Colégio apostólico, reunido em oração no Cenáculo com Maria, Mãe de Jesus.

Rainha dos Apóstolos, reza connosco e por nós, para que o Espírito Santo desça com abundância sobre a Igreja, e ela resplandeça no mundo cada vez mais una, santa, católica e apostólica. Amém.